

EM TORNO DO CONCEITO DE *GÊNEROS DO DISCURSO/TEXTUAIS*: DIÁLOGOS ENTRE O CÍRCULO DE BAKHTIN E O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Débora Maria da Silva Oliveira

RESUMO: Desenvolver pesquisa segundo a perspectiva sócio-histórica, contribui para o processo de constituição da identidade da Linguística Aplicada contemporânea, compreendemos a importância do diálogo entre as diversas teorias do conhecimento para explicar um fenômeno tão complexo como a prática da linguagem. São perspectivas que impulsionaram várias discussões teóricas e pensamentos sobre o desenvolvimento de uma pedagogia com foco central no ensino/aprendizagem de línguas. Para compreender a dinâmica das relações existentes entre os gêneros discursivos e textuais precisamos saber que a teoria de gêneros do discurso centra-se no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos, enquanto a teoria de gêneros de textos frisa mais a descrição da materialidade textual, isso porque esses trabalhos possuem vias metodológicas diferentes, ora mais centrados nas questões das enunciações e seus aspectos sócio-históricos, ora sobre a descrição da composição e da materialidade linguística dos textos no gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Interacionismo Sociodiscursivo; Gênero do Discurso/Textual.

ABSTRACT: Developing research based on social-historical perspective contributes to the process of constitution of Contemporary Applied Linguistics identity; we comprehend the importance of dialogue with diverse knowledge theories to explain a so complex phenomenon like the practice of language. Are perspectives that pushed many theoretical discussions and thoughts about the development of a language teaching/learning pedagogy-centered. To comprehend the dynamics of existing relations among discursive and textual genres, we need to know that discourse genres theory centers on the study of text enunciations production situations, while text genres one emphasizes description of textual materiality, because these works has different methodological means, or more focused on enunciations questions and its social-historical aspects, sometimes about description of composition and linguistic materiality of genre texts.

KEYWORDS: Bakhtin Circle. Social-discursive Interactionism. Discourse/textual Genre.

1 INTRODUÇÃO

A interação, nas mais variadas situações, é mediada por discursos de esferas de atividades várias. A circulação desses discursos “[...] não são estanques e separadas, mas ao contrário, interpenetram-se o tempo todo em nossa vida cotidiana, organizando nossas posições e, logo, nossos direitos, deveres e discursos em cada uma delas” (ROJO, 2009, p.110). A partir disso, acreditamos na realização de pesquisas sobre linguagem à luz de diferentes contextos e na importância do diálogo com as diversas áreas do conhecimento para explicar um fenômeno tão complexo como a prática da linguagem. Geraldi (1996), a esse respeito explica que,

[...] o processo de interação como o *locus* produtivo da linguagem e, ao mesmo tempo, como o centro organizador e formador da atividade mental, já que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (p.112), pode-se dizer que o trabalho linguístico é tipicamente um trabalho *constitutivo*: tanto da própria linguagem e das línguas particulares quanto dos sujeitos, cujas consciências sógnicas se formam com o conjunto das noções que, por circularem nos discursos produzidos nas interações de que os sujeitos participam, são por eles internalizadas. (GERALDI, 1996, p. 28).

Rojo (2006), a respeito do campo da Linguística Aplicada, área de estudos na qual a presente investigação se enquadra, especificamente sobre gêneros do discurso, explica que “[...] a teoria de gêneros de Bakhtin pode ser um poderoso instrumental para a compreensão e explanação dessasocioconstrução [das práticas de linguagem]”. (ROJO, 2006. p. 273). Além disso, a autora afirma que perceber novos campos de pesquisa e favorecer a pesquisa por meio da análise de gêneros é função do linguista aplicado e exige dedicação, pois

[...] a pesquisa sócio-histórica pode fornecer um arcabouço possibilitador de um diálogo transdisciplinar com conhecimentos advindos de vários campos do conhecimento, reinterpretando e ressignificando-os à luz do que se focaliza na investigação. (LOPES, 2006, p. 42).

Assim, para o linguista aplicado, torna-se fundamental, dentre outros caminhos, desenvolver pesquisas segundo a perspectiva sócio-histórica, contribuindo para o processo de constituição da identidade da Linguística Aplicada contemporânea, não apenas esboçando

respostas interpretativistas no campo transdisciplinar, como também ressignificando o foco das configurações teórico-metodológicas, como um diálogo intenso entre os conceitos dessas disciplinas e buscando “[...] ressignificados como facetas de interpretação do objeto de estudo e não como níveis estanques de análise.” (ROJO, 2006, p. 274).

É fundamental entender a Linguística Aplicada enquanto área da linguagem responsável por pesquisas que atuam no âmbito social e perceber os processos linguísticos como “fenômenos aplicados [...] que envolvem justamente o uso real da língua no cotidiano de circulação em que está posta.” (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 5). É também imprescindível compreender a contribuição desse campo científico nas pesquisas contemporâneas, altamente vinculada às práticas sociais mediadas pelo uso da linguagem, como bem propõe o autor,

Propomos essa distribuição do esforço sistemático de pesquisa aplicada por reconhecer que as questões de linguagem colocadas na prática social são um elo forte de religação da teoria de LA com a sociedade que cobra ou necessita de resultados do investimento em pesquisa feitos com fundos públicos dos impostos dos contribuintes. É claro que nem toda pesquisa terá de ser de natureza aplicada ou de aplicação de teoria (lingüística, principalmente). Pesquisa básica para a descrição da composição e do funcionamento da língua produzida tradicionalmente pela Linguística é de alta relevância para a área da Linguagem como um todo e obviamente deve disputar uma parcela dos fundos com a Linguística Aplicada e com a Estética da Linguagem, esta última de maior longevidade nos estudos da linguagem e freqüentemente conhecida como Literatura e Letras propriamente dita. (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 5).

Segundo Celani (2000), a Linguística Aplicada é conhecida atualmente como uma área do saber que articula “múltiplos domínios do saber”, dialogando com diversos campos do conhecimento que envolve a linguagem enquanto processo interativo, pois a linguagem é um processo complexo que permeia vários setores da nossa vida sociopolítica, e que desempenha papel instrumental na socioconstrução dos contextos da problemática social.

Sob essa perspectiva de uma Linguística Aplicada transdisciplinar objetivamos, neste artigo, discutir o conceito de gêneros do discurso/textuais à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas contemporâneas do Interacionismo Sociodiscursivo, especificamente os estudos de pesquisadores da Escola de Genebra. Para tanto, revisitamos obras do Círculo à busca de suas explicações sobre o conceito de gêneros do discurso e obras da Escola de Genebra para discutirmos o conceito de gêneros textuais. Entendemos que a pesquisa

apresenta-se relevante, à medida que contribui para a construção de um diálogo entre duas perspectivas de trabalho que ora se distanciam e ora se aproximam.

2 O conceito de gêneros do discurso para o círculo de Bakhtin

O Círculo de Bakhtin é considerado, na Linguística Aplicada, como “interlocutor produtivo” e “problematizador” de ideias que impulsionaram várias discussões teóricas e pensamentos sobre o desenvolvimento de uma pedagogia com foco central no ensino/aprendizagem de línguas, em que defendiam a possibilidade de realizar o ensino de línguas por meio da assimilação da estrutura concreta da enunciação, ao invés de apresentar a forma segundo um sistema abstrato da língua, pois assimilamos as formas estruturais da língua somente em enunciações produzidas na comunicação discursiva. Faraco (2007) afirma que Bakhtin era um filósofo, não um cientista, através do dialogismo encontramos um vasto conjunto conceitual, porém não podemos supor que encontraremos um modelo analítico sobre a interação verbal, podemos, a partir de suas coordenadas filosóficas, construir ideias sobre o modo de analisar os textos. Também Bakhtin não se interessava por questões pedagógicas, mas suas reflexões possibilitaram uma mudança significativa no modo de pensar o ensino de línguas, alterando o método de ensino baseado na separação abstrata entre o mundo da cognição e o mundo de vida, e a tradição escolar *conteudística*, baseada no *teoreticismo*. O conceito de gênero do discurso é o resultado desse processo, envolvendo as formas da língua e as formas típicas de enunciados, os mesmos por sua vez,

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

As teorias do Círculo de Bakhtin também proporcionaram uma mudança na concepção de ensino/aprendizagem como interação social, pois ressignificou a prática docente, indicando os gêneros do discurso como objeto de ensino, e abrindo-se espaço para discutir sobre as questões do dialogismo e das noções de interação verbal por meio de enunciados concretos. Bakhtin (2003) considera que os usos da língua se realizam em formas de enunciados, estes, por sua vez, são únicos e concretos, sendo a unidade real da comunicação discursiva e

compreendendo o nosso dizer como uma atividade de *reação-resposta* a outros enunciados, desse modo,

Para Bakhtin, o enunciado, como uma totalidade discursiva, não pode ser considerado como unidade do último e superior nível do sistema da língua, pois forma parte de um mundo totalmente diferente, o das relações dialógicas, que não podem ser equiparadas às relações linguísticas dos elementos da língua. Considera o enunciado como a unidade da comunicação discursiva. (RODRIGUES, 2005, p. 157).

Em outras palavras, para entender o conceito de gêneros do discurso, é preciso retomar o conceito de enunciação sob a perspectiva bakhtiniana. Para Bakhtin (2003), enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que, na situação em questão, não haja interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. Como afirma o autor: “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata.” (BAKHTIN, 2006, p. 116).

A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. (BAKHTIN, 2006, p. 117). Na verdade, qualquer que seja a enunciação considerada, ela sempre é socialmente construída. “A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.” (BAKHTIN, 2006, p. 126). Bakhtin afirma que qualquer enunciação é constituída como um contínuo ininterrupta cadeia das diversas redes de comunicação social, construído mediante interações, entrelaçadas na dinâmica das relações sociais. Dessa forma, para o Bakhtin, a comunicação verbal deve ser compreendida a partir dessa relação dialética existente nas as instâncias verbal e extraverbal.

A partir disso, podemos entender que os gêneros do discurso são enunciados que se tipificam historicamente. As situações sociais de interação tipificam-se e, a partir delas, os enunciados que as materializam. Eles não apenas funcionam em determinada esfera social, como também incorporam os objetivos, as ideologias e as relações dialógicas constitutivas dessa esfera.

Os diversos usos da linguagem realizados na sociedade possibilitam o surgimento dos gêneros, que são constituídos nas diferentes interações sociais, formados pela interação entre indivíduos, caracterizados pelas suas ideologias, e num determinado contexto sócio-histórico e cultural, são edificados através de enunciados que se tipificam historicamente, os quais são chamados gêneros do discurso. Assim podemos entender que as situações sociais de interação tipificam-se e, de acordo com tal dinâmica, os enunciados as materializam. Estes, por sua vez, se regularizam e se realizam em esferas sociais várias e específicas da atividade humana.

Além disso, segundo a Rodrigues (2005), os gêneros do discurso são definidos como formas de discurso social, destinados a um interlocutor numa interação verbal social, são tipos relativamente estáveis de enunciados, segundo a autora, Bakhtin olha os gêneros a partir da sua historicidade quando afirma que eles não são unidades convencionais, como também lhes atribui à mesma natureza dos enunciados, que são a natureza social, a discursiva e a dialógica.

Os gêneros são insubstituíveis e estão diretamente ligados a esferas de atividades sociais várias, e é apenas observando a situação de interação que produz tais gêneros que podemos apreender a constituição e funcionamento dos mesmos, “O que constitui um gênero é a situação social de interação, e não as suas propriedades formais” (RODRIGUES, 2005, p. 164). Cada esfera possui características com função socioideológica específica, com gêneros vinculados a atividade humana que emergem da interação verbal social, possui finalidade discursiva relacionada e articulada a noção de cronotopos, incluindo os horizontes, espacial, temporal, temático e axiológico, além da concepção do autor e do destinatário. Após a discussão de ordem dialógica, direcionemos nosso estudo para a concepção de gêneros à luz dos estudos do ISD.

3O conceito de *gêneros textuais* no interacionismo sociodiscursivo (ISD)

Em termos diferenciais, Rojo (2005) denomina a teoria de gêneros do discurso ou discursivo e a teoria de gênero de textos ou textuais, como ambas enraizadas nos escritos do Círculo de Bakhtin. Contudo, a autora, de forma a diferenciá-los sob o âmbito metodológico, afirma que a teoria de gêneros do discurso centra-se no estudo das situações de produção dos enunciados, já a teoria de gêneros de textos frisa a descrição da materialidade textual. Esses trabalhos possuem vias metodológicas diferentes ora centradas nas questões das enunciações e seus aspectos sócio-históricos, ora sobre a descrição da composição e da materialidade

linguística dos textos no gênero. A autora explica ainda que todos acabavam por fazer descrições de “gêneros”, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero, a questão é que para fazê-lo, acabam por adotar procedimentos científicos diversos, recorrendo a diferentes autores e conceitos com o intuito de selecionar novas bases para suas categorias de análise. Matêncio (2007) afirma que um dos avanços mais significativos na perspectiva do ISD diz respeito às contribuições do resultado da junção entre a abordagem pragmática e as reformulações em relação à linguagem, quando leva em consideração, questões como os aspectos dos processos sociais e a exposição da linguagem em funcionamento, assim, podemos dizer também, que os textos são concebidos como resultado de ações simbólicas e linguísticas, e é através de atividades e ações que envolvem os sistemas verbais e não verbais da língua, assim,

Nesse processo, o sujeito constrói, necessariamente, um quadro de referência no qual vincula um contexto de situação a uma prática discursiva, com base em seus esquemas de ação, que o orientam a operar com seus conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos [...], o que significa dizer que a textualização envolve tanto o planejamento de ações situadas em uma atividade quanto o recurso elementos linguageiros que possam concretizá-las. (MATÊNCIO, 2007, p. 57).

Especificamente, a teoria de gêneros de texto trabalha as noções herdadas da linguística textual, enquanto as teorias dos gêneros discursivos procura selecionar aspectos da materialidade linguística sem a intenção de esgotar a descrição dos aspectos do texto. Bonini (2005) discorre sobre a proposta teórica de Jean-Michel Adam, estudos que se incorporam ao conceito de gênero textual, no ISD. O texto nessa perspectiva é visto como um objeto circundado e determinado pelo discurso. Bonini (2005), afirma que Adam (1992) realiza seu trabalho,

Partindo da enunciação ou das práticas discursivas (onde localiza o gênero, o discurso e o interdiscurso), ele [Adam] delimita o campo da linguística textual como o responsável pelo estudo do modo como os mecanismos de textualização se constituem e se caracteriza. (BONINI, 2005, p. 208).

A proposta de Adam (1992) é complexa, visto que ele busca construir uma reflexão teórica que reunisse as orientações enunciativas e formais a respeito do texto/gênero. Adam (1992) mantém a ideia inicial de Bakhtin, porém a redimensiona, quando propõem que os gêneros primários são semelhantes a tipos nucleares responsáveis pela reestruturação dos gêneros secundários, são componentes textuais que se modificam para gerar os gêneros secundários. O teórico vê os gêneros como agrupamentos de sequências, categorizadas

segundo protótipos, assim distribuídos (narração, descrição, explicação, argumentação e diálogo), nesse caso, para Adam (1992), os gêneros e seus exemplares são dispostos em categorias, estas, por sua vez são caracterizadas pelos traços que compartilham com as sequências (os protótipos).

Outra observação realizada por Bonini (2005) é o modo como a dimensão textual é entendida, pois estaria presente no texto como objeto formal e cognitivo. Segundo Bonini (2005), Adam faz uma distinção entre enunciado enquanto objeto material, empírico, de natureza oral e escrita e texto como objeto abstrato, resultante de uma teoria que explica sua estrutura composicional. Dessa forma, Adam (1992) apresenta pressupostos teóricos que envolvem interação sócio-discursiva e estruturação linguístico-textual principalmente quando diz que os gêneros textuais são compostos por categorias de ordem prático-empíricas, reguladoras dos enunciados e prototípicas. Para ele, os gêneros textuais são componentes da interação social compostos por sequências organizadas por proposições de ordem “discursivo-genérica”, pois,

Os gêneros marcam situações sociais específicas, sendo essencialmente heterogêneos. Já as sequências, como componentes que atravessam todos os gêneros, são relativamente estáveis, logo, mais facilmente delimitáveis em um pequeno conjunto de tipos (uma tipologia) [...]. (BONINI, 2005, p. 218).

Além disso, quando se fala em gêneros de texto há controvérsias sobre as sequências textuais, pois, se a formalização teórica das sequências é um tema que merece discussão, também a determinação do número delas não é consensual e ainda necessita de levantamentos e debates. Mesmo o termo sequência não é consensual, uma vez que muitos ainda preferem o termo tipo de texto.

Outra questão é que o ISD tem sua proposta de investigação relacionada intimamente com as práticas de ensino, portanto, cabe, nesse momento, a pertinente discussão. No Brasil, apesar do avanço das pesquisas na área da educação, tem-se observado que o trabalho real dos profissionais da educação (professores) e suas ações em sala de aula não alcançaram uma evolução significativa. Tal situação tem sido motivada pelo isolamento dos professores na escola pública brasileira, e esse comportamento tem fragilizado a ação docente. Entendemos que,

Para ensinar a língua materna, não se trata de devolver ao aluno a palavra para que emergam histórias contidas e não contadas em função apenas de uma opção ideológica de compromisso com as classes populares. Devolver e aceitar a palavra do outro como constitutiva de nossas próprias palavras é uma exigência do próprio objeto de ensino. A monologia própria dos processos escolares, que reduz o mundo ao pré-enunciado por determinada classe social, é um dos obstáculos maiores interpostos pelo sistema escolar de reprodução de valores sociais à “eficiência” do próprio sistema. (GERALDI, 1996, p.53-54).

De acordo com Nascimento (2009), ocorre uma grande impossibilidade de haver processos dialógicos de reavaliação do ensino e de novos posicionamentos em relação a novas práticas, pois as relações dialógicas são sempre dinâmicas e mutáveis, e apontam para consonâncias, dissonâncias e multissonâncias, podendo resultar delas tanto convergência, a adesão, a divergência, o embate, a resistência, a recusa, o desacordo. É importante destacar a relevância do “fazer docente” durante os processos dialógicos, pois os professores compartilham atividades como formas já estabilizadas na ação docente, e constituem nessa interação o que Nascimento (2009), incorporando a ideia ao pensamento bakhtiniano de gêneros do discurso e análise da atividade profissional, chegou a denominar de “gêneros de atividade”, que são entendidos como “construtos sócio-históricos” independentes de locutor, que age discursivamente por eles em um determinado momento. Partindo desse princípio, o gênero passa a ser entendido também como um instrumento capaz de estabelecer uma relação meio-fim, o professor age segundo um esquema de utilização dos gêneros, então podemos dizer que,

Apropriar-se dos esquemas de utilização do gênero discursivo representa a aprendizagem das operações para a sua utilização, processo que envolve diferentes momentos que nos conduzem a uma decisão de caráter terminológico: passamos a nos referir a *gêneros textuais* (BRONCKART, 2003) e não mais a gêneros de discurso. (NASCIMENTO, 2009, p. 59).

Desse modo, para Bronckart (2003), o gênero da atividade se configura através das ações docentes, onde o professor deve tomar decisões importantes, que lhe ofereçam soluções para os problemas impostos pelo contexto escolar. O gênero da atividade existe segundo regularidades incorporadas pela ação, gestos e movimentos da gestão do discurso de sala de aula, dessa forma, o docente pode propiciar aos alunos “Um agir discursivo que leva ao encorajamento da tomada de posição, de argumentação, da justificativa do argumento, e da contra-argumentação”. (NASCIMENTO, 2009, p. 81). Essa prática favorece o pensar dos alunos e enriquece o fazer docente, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa.

Bueno (2011) realizou um levantamento histórico em que situa o conceito de gênero no ensino de Língua Portuguesa. A autora expõe o conceito de gênero baseado na teoria de Bronckart, desenvolvendo a ideia de que o texto é a unidade básica de ensino e recomenda que o ensino de línguas esteja voltado para o domínio das situações de comunicação pelo aluno e focado na presença de diversos *tipos de textos* que circulam no meio social, destacando a importância de um trabalho voltado para o domínio da leitura e da produção de textos e da necessidade de diversidade textual nessa prática, propondo que o trabalho com os gêneros seja desenvolvido nas atividades de leitura e escrita e de reflexão linguística. Bueno (2011) ressalta a importância do *gênero enquanto objeto de ensino*, dada sua importância enquanto ferramenta para entender o uso social da língua.

O gênero é considerado, no ISD, uma *megaferramenta*, pois o trabalho com gêneros implica em levar o aprendiz a desenvolver suas capacidades de linguagem, instrumentalizando-os para a vida em sociedade, para que ele seja capaz de compreender e produzir bons textos através de intervenções escolares organizadas por meio de sequências didáticas, em um conjunto de atividades elaboradas levando o aluno ao domínio de determinado gênero, e a partir de um modelo didático. Segundo Matêncio (2007), a atividade pela qual se atualiza um gênero, a textualização, é obtida através do resultado do enquadramento dado pelos sujeitos, pois eles atuam recuperando ações de esquemas na memória, construindo, assim, modelos de representação. Para a autora, os gêneros seriam artefatos construídos socialmente, conceituados assim,

Os gêneros seriam, assim, artefatos (instrumentos), sociocognitivamente construídos, com base nos quais o sujeito se orienta ao projetar o jogo de imagens entre os interlocutores e o espaço e o tempo da interação e ao textualizar. (MATÊNCIO, 2007, p. 58).

Brait (2007) destaca um ponto crucial para nossa exploração conceitual sobre os gêneros do discurso e textual sobre a forma como ela esteve ligada, primeiramente, aos estudos de crítica literária que buscavam classificar as produções segundo algumas características, e as questões sobre os estudos da linguagem por meio das perspectivas das teorias enunciativo-discursivas. Tal situação implica novos estudos na área da língua em que,

[...] a noção de gêneros vai depender de um ponto de vista sobre a linguagem, traduzindo-se, conseqüentemente, sob diferentes pontos de vista: funcional, enunciativo, textual, comunicacional, por exemplo. A diversidade desses pontos de vista revela a complexidade da questão dos gêneros, por um lado, e as possíveis

banalizações nas formas de concebê-los, trabalhá-los e ensiná-los, por outro. (BRAIT, 2007, p. 122)

Por um lado, Bakhtin explica que gênero é uma categoria que articula o texto a um tipo de discurso, por outro, Bronckart considera o gênero como uma dimensão mais textual que discursiva. Permanece a ideia de que todas as controvérsias sobre a conceituação de gênero estão basicamente ligada à questão das terminologias, das diferenças teóricas e a metodologia adotada no processo de análise. Para Baltar (2007), a noção de texto do ISD se assemelha ao que foi explicitado por Bakhtin, quanto as noções de enunciado/texto/discurso, visto que,

Os textos, de acordo com suas características estruturais e funcionais, como unidades de interação verbal humana, podem ser classificados em gêneros textuais, o que garante sua indexação no inventário geral historicamente construído pela interação humana denominado architexto. (BALTAR, 2007, p. 147).

Assim, cada interlocutor escolhe, intencionalmente, um modo de expor suas ideias, para tal propósito, a interação humana ocorre mediada por gêneros, sócio-historicamente constituídos, com características várias, variando de acordo com atividade social estabelecida.

Assim, após a seção sobre o ISD, direcionemos nossa discussão para as considerações finais.

4 Considerações finais

Conceber ideias sobre os conceitos de gêneros textuais e discursivos contribui para a construção de um diálogo entre as duas perspectivas de trabalho que ora se distanciam e ora se aproximam. São perspectivas que impulsionam várias discussões teóricas sobre o desenvolvimento de uma pedagogia com foco central no ensino/aprendizagem a partir dos usos sociais da língua.

O Círculo de Bakhtin apresenta conceitos que estão relacionados a uma compreensão do estudo da língua por meio de sua realização concreta na forma de enunciados; entende que apenas é possível estudar a língua por meio de enunciações produzidas na comunicação discursiva. Esses estudos proporcionaram uma ressignificação na concepção de ensino/aprendizagem como interação social, principalmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, apontando os gêneros do discurso como objeto de ensino, e abrindo-

se espaço para discutir sobre as questões do dialogismo e das noções de interação verbal por meio de enunciados concretos.

Para compreender a dinâmica das relações existentes entre os gêneros discursivos e textuais precisamos saber que a teoria de gêneros do discurso centra-se no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos-enunciados, enquanto a teoria de gêneros de textos frisa mais a descrição da materialidade textual. Esses trabalhos possuem vias metodológicas diferentes, ora mais centradas nas questões das enunciações e seus aspectos sócio-históricos, ora sobre a descrição da composição e da materialidade linguística do gênero. Entender a importância dos conceitos dos gêneros discursivos é perceber o que Barros (2005) discorreu sobre tais ideias quando, por exemplo, afirmou que Bakhtin contribuiu com as principais orientações teóricas dos estudos já desenvolvidos sobre discurso e texto, e que, foram as reflexões de Bakhtin sobre o princípio dialógico que nortearam o desenvolvimento de princípios e métodos tão diferentes sobre esses conceitos.

Quanto aos gêneros do discurso, Brait (2005) explica que Bakhtin buscava descrever e explicar a heterogeneidade constitutiva da linguagem, isso porque Bakhtin se preocupava com a dimensão histórico-ideológica da linguagem, como também com sua natureza interdiscursiva, interativa e social, com a interdiscursividade como condição básica da linguagem e os gêneros discursivos como elementos complexos, a serem analisados.

Também podemos falar em *conceito plural* quando se trata de gêneros, pois, de acordo com Machado (2005), o gênero não pode ser concebido sem uma análise complexa de suas dimensões extraverbal e verbal, porque “cada texto, cada conceito, enfim, cada palavra abre-se em muitas direções e com uma vertiginosa gama de questões que não tende jamais para um fechamento, obrigando a constantes revisões e releituras.” (MACHADO, 2005, p. 139).

O Interacionismo Sociodiscursivo tem levantado questões e discussões importantes sobre a relevância dos estudos sobre os gêneros de texto. Bueno (2011), por exemplo, propôs em um levantamento histórico que situa o conceito de gênero no ensino de Língua Portuguesa, apresentando o conceito de gênero baseado na teoria de Bronckart. Nesse trabalho, ela desenvolve a ideia de que o texto é a unidade básica de ensino e recomenda que o ensino de línguas esteja voltado para o domínio das situações de comunicação pelo aluno e

focado na presença de diversos *tipos de textos* que circulam no meio social, destaca a importância de um trabalho voltado para o domínio da leitura e da produção de textos e da necessidade de diversidade textual nessa prática, propõe que o trabalho com os gêneros seja desenvolvido nas atividades de leitura e escrita e de reflexão linguística.

Para o grupo de Genebra, o trabalho com gêneros textuais implica em levar o aprendiz a desenvolver suas capacidades de linguagem, instrumentalizando-os para a vida em sociedade, para que ele seja capaz de compreender e produzir bons textos através de intervenções escolares organizadas por meio de sequências didáticas, em um conjunto de atividades elaboradas levando o aluno ao domínio de determinado gênero, e a partir de um modelo didático.

Em conclusão, cada perspectiva trabalha com uma *finalidade específica*, e apesar das diferenças metodológicas, ambas constituem possibilidades de análises inesgotáveis, assim como as possibilidades de uso da linguagem são completamente infinitas, rever os conceitos possibilita ter uma visão coerente sobre as diferentes perspectivas epistemológicas de estudo dos gêneros do discurso/textuais.

5 Referências

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *A linguística aplicada na grande área da linguagem*. In: SILVA, K.A.; ALVAREZ, M.L.O. *Perspectivas de investigação em linguística aplicada*. Campinas: Pontes, 2008.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALTAR, M. *O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD*. In: GUIMARÃES, A. M. M., MACHADO, A. R., COUTINHO, A. (Orgs.). O

interacionismosociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado das Letras, 2007, 145-160.

BARROS, D. L. P. de. *Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso*. In: BRAIT, B. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 25-35.

BRAIT, B. *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. In: BRAIT, B. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 87-98.

BRAIT, B. *Estatuto dos gêneros no quadro do ISD: provocando debates*. In: GUIMARÃES, A. M. M., MACHADO, A. R., COUTINHO, A. (Orgs.). O interacionismosociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado das Letras, 2007, p. 121-125.

BONINI, A. *A Noção de seqüência textual e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. Gêneros – Teorias, Métodos e Debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

BUENO, L. *Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos*. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 23-43.

CELANI, M.A.A. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH, L.M.B. (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

FAITA, D. *A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma*. In: BRAIT, B. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 149-168.

FARACO, C. A. *O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin*. In: GUIMARÃES, A. M. M., MACHADO, A. R., COUTINHO, A. (Orgs.). O interacionismosociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado das Letras, 2007, p. 43-50.

GERALDI, João Vanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*.

Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, 1996.

LOPES, L. P. da M. (Org.). Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: Interrogando o campo como linguista aplicado. In: LOPES, L. P. da M. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 41-42.

MACHADO, I. A. *Os gêneros e o corpo do acabamento estético*. In: BRAIT, B. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 131-148.

MATÊNCIO, M. de L. M. *Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do interacionismosociodiscursivo*. In: GUIMARÃES, A. M. M., MACHADO, A. R., COUTINHO, A. (Orgs.). *O interacionismosociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado das. Campinas: Mercado das letras, 2007, p. 51-63.

NASCIMENTO, E. L. *Gêneros da atividade, gêneros textuais: repensando a interação em sala de aula*. In: NASCIMENTO, E. L. *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 51-90.

RODRIGUES, R. H. *Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros – Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. *Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas*. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

_____. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Fazer Lingüística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento*. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.